

1. INICIATIVAS DE INVESTIGAÇÃO NA ÁREA DA TOXICODEPENDÊNCIA

Dissertações de Mestrado

FERRAZ, Leandra V. F. C., *Hábitos tabágicos em contexto escolar: Identificar para actuar*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal, 2003.

PASCOAL, Patrícia Magda M., *Factores Associados às perturbações alimentares em grupo de estudantes de dança. Estudo comparativo*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal, 2003.

SANTOS, Paula Alexandra S., *Estudo comparativo da depressão no tratamento de heroínodependentes com agonistas opiáceos e antagonistas opiáceos*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal, 2003.

CUNHA, Ana Isabel S. S. B., *Anorexia nervosa: vivências e percepções sobre a família*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal, 2003.

2. RECENSÃO DE LIVROS

Territórios da heroína

A propósito de Heroína: Lisboa como território psicotrópico nos anos 90

Luís Fernandes

O que há de comum entre a etnografia urbana e a heroína? Ambas convergem para um mesmo atrator: a rua. Com efeito, a etnografia consolidou-se como estilo de pesquisa e como disciplina das ciências sociais e humanas através da opção pelo trabalho de rua, fazendo desta o seu laboratório num longo percurso desde a Escola de Chicago dos anos 20 até aos nossos dias; também a heroína, entretanto, se fez uma droga solidária com a rua, aproveitando o interstício da cidade como meio de sobrevivência reactiva à sua criminalização e estigmatização – a expressão “toxicodependente de rua”, que é sempre um adicto à heroína e não a outra droga qualquer, é disso bem o exemplo.

Ainda antes do aparecimento dos territórios urbanos da heroína na Europa, já em 1969 Preble e Cassey, nos EUA, escreviam *Taking care of business*, monografia que assinalava magistralmente os inícios desse encontro entre a etnografia e a heroína no terreno em que ambas se movem à vontade: a rua das grandes cidades. Este género de pesquisa tem como resultado, por força desta aliança, o facto de a heroína ser um modo e um pretexto para olhar a cidade: os seus espaços, os seus recantos, os lugares recônditos onde se desenvolvem as actividades ilícitas, as suas contradições e lutas – a cidade desviante e a dominante, a boa e a má, a degradada e a valorizada... Há, desde Preble e Cassey, um conjunto de trabalhos que têm na heroína um analisador do que está a acontecer à

vida colectiva em grandes aglomerados urbanos. Citarei, de entre muitos, Philippe Bourgois e S. Francisco, Rudolph Ingold e Paris, Peter Cohen e Amsterdão, Oriol Romaní e Barcelona, Juan Gamella e Madrid. Em Portugal, onde a etnografia urbana tem ainda uma expressão reduzida, citaríamos Miguel Chaves e Lisboa, ou os nossos próprios trabalhos e o Porto. E, se uma monografia etnográfica é sempre a narrativa duma cidade em concreto, porque o etnógrafo é solidário daqueles territórios e não do território em abstracto, a visão de conjunto da multiplicidade destes trabalhos faz emergir uma região na investigação do fenómeno droga construída por aquilo a que gosto de chamar *os etnógrafos da heroína*.

Vêm todas estas considerações a propósito do livro de Luís Vasconcelos *Heroína: Lisboa como território psicotrópico nos anos 90* publicado pela Imprensa de Ciências Sociais. O autor sintetiza os principais resultados e conclusões de uma investigação que realizou no Instituto de Ciências Sociais da UL, integrado no mestrado em Antropologia subordinado ao tema *Poder e diferenciação: processos contemporâneos*, dirigido pelo Prof. João de Pina Cabral.

De perto ninguém é normal, diz uma canção de Caetano Veloso. Eis o que também acontece quando o olhar clínico desce sobre um indivíduo – seja, no caso, o adicto às drogas. De perto toda a gente é normal, poderíamos concluir da leitura do livro de Luís Vasconcelos. E é este o contributo *sui generis* do olhar antropológico: o de naturalizar, através da visão proximal, mundos que soam a estranheza e a patologia. Não se trata de branquear a imagem causticada do “toxicómano”, mas de lhe revelar a lógica do dia-a-dia, de desocultar a multiplicidade de raciocínios e de estratégias que permitem a sobrevivência no complexo “mundo da droga”. Enfim, pelo menos, neste ponto olhares clínico e antropológico são antagónicos: o primeiro salienta a anormalidade contida no normal, o segundo prefere a normalidade contida no anormal. Era tempo de a antropologia portuguesa se debruçar sobre um fenómeno que, por razões que os antropólogos me explicarão, não a tem ocupado até agora.⁽¹⁾ Com este trabalho, Luís Vasconcelos vem inscrever o seu nome no clube dos etnógrafos da heroína e colocar-se na continuidade da contribuição que a antropologia tem dado para o conhecimento do fenómeno droga.

Se passássemos o seu livro para uma linguagem cinematográfica, diríamos tratar-se de um filme repleto de grandes planos sobre certos momentos e actividades centrais do estilo de vida *junkie*. É um retrato vivo, pormenorizado e dinâmico. Esclarece o leigo, enriquece o especialista.

No essencial, a sua pesquisa é uma análise interpretativa das conversações tidas com toxicodependentes – e, portanto, metodologicamente uma análise do discurso. Opta pela teoria do sujeito – os indivíduos como actores centrais da sua própria acção. Sendo uma análise do discurso, nada nos diz sobre o método que empregou neste exercício; reclamando-se de uma teoria do sujeito, nada nos diz sobre ela; considerando que faz uma análise interpretativa, não problematiza conceitos como interpretação, significado ou hermenêutica. É, também a nosso ver, uma limitação o facto de não ter recrutado os sujeitos independentemente de um dispositivo de controle. Para além de ser mais fiel ao estilo etnográfico, resolveria alguns dos problemas resultantes dum facto bem conhecido, embora normalmente pouco tido em conta: o da adaptação funcional do discurso do “drogado” de acordo com o contexto que lhe solicita a palavra. Finalmente, a massa empírica em que se baseia a monografia de terreno tem as limitações inerentes à exiguidade temporal exigida pelos mestrados universitários, o que obviamente se reflecte na prudência com que temos de olhar os resultados.

O livro é constituído por quatro capítulos. Na impossibilidade, por razões de espaço, de os visitarmos a todos, elegemos o 4º, dedicado a uma incursão numa das dimensões mais difíceis de estudar nas Ciências Sociais e Humanas: o tempo. Ocupa-se nele da configuração da temporalidade, propondo captá-la enquanto experiência a partir de uma análise pormenorizada duma parte das narrativas dos seus informantes: aquela em que descrevem as várias maneiras de angariar dinheiro para a compra do produto. Este expediente é uma característica omnipresente no *junkie* que lhe confere uma presença típica na rua – e que, de algum modo, instala a droga no espaço público como fenómeno do quotidiano.

A “hiperquotidianidade” resultante do “fazer-se à vida” é, provavelmente, o resultado mais interessante da sua pesquisa: desvendar o modo de construção da temporalidade, demonstrando-a muito mais ligada às contingências

concretas do pó, tal como existe na rua, do que a algum mecanismo patológico interno, que possa ser responsável pela incapacidade do toxicodependente se projectar no futuro. Não é, portanto, o modelo do défice que explica esta espécie de vítima dum tempo contraído, urgente, eternamente no aqui e agora, mas o modelo da adaptação: àquilo que é a heroína na rua, aos seus modos de circulação, ao seu elevado preço, aos modos de relacionamento com os outros em função destes condicionalismos.

Em síntese, *Heroína. Lisboa como território psicotrópico nos anos 90* representa um contributo para um dissecar pormenorizado de certos aspectos da vida da heroína normalmente opacificados pelas imagens superficiais com que nos *media* se tece o “mundo da droga”. É um exercício de anatomia dos quotidianos da heroína – a ressaca, a tanga, o fazer-se à vida, o poço, mundo relacional do heroinómano... – que, como é próprio da etnografia, permite ver de perto pessoas que normalmente nos andam longe, desfazendo nesta proximidade preconceitos e ideias instaladas. É, portanto um exercício de desconstrução – não é este um dos traços maiores do trabalho etnográfico? Mas há também construção neste modo de olhar os fenómenos, recombinao elementos dispersos em novas configurações. Por exemplo, a alteração da consciência não se liga apenas ao momento da toma da heroína, como nos legou o modelo psicofarmacológico. Pelo contrário, há todo um processo da sua construção em que se encadeiam relações sociais, espaços, percursos, objectos e gestualidades. É por isso que o autor defende a ideia de que o território psicotrópico é Lisboa inteira, propondo deste modo uma extensão do conceito original aos planos afectivo e simbólico. Com efeito, o território psicotrópico na formulação que lhe temos vindo a propor desde 1993 designava espaços concretos e bem delimitados, radicando teoricamente no domínio da psicologia ambiental – e é com verdadeira satisfação que vemos o seu enriquecimento através da grelha de leitura antropológica.

Resta acrescentar que o rigor da escrita não a transforma numa leitura pesada, fugindo deste modo a uma espécie de maldição que tem condenado o texto científico aos *ghettos* intelectuais. Recorre com alguma abundância a notas de rodapé, com dois propósitos: proceder a esclarecimentos conceptuais que demonstram a preocupação

de não tomar as palavras pelo seu valor facial ou pelos significados implícitos que a repetição discursiva lhes imprime; anotar referências bibliográficas que demonstram grande trabalho de revisão, com autores que também para nós têm constituído fonte permanente de aprendizagem: Howard Becker, Erving Goffman, Norman Zimberg, Michael Agar, Stanton Peel, Harry Shapiro, Patricia Adler, Philippe Bourgois, Rodolphe Ingold, Oriol Romaní...

NOTAS

(1) Num artigo que publicamos com Marta Pinto no vol. 8 nº3 de 2002 da *Toxicodependências*, referíamos que, de um total de 206 artigos publicados ao longo de 8 anos nesta revista, só 2.9% eram artigos da área da etnografia e 3.9% da sociologia – as disciplinas, digamos, mais socio-culturais do espectro dos saberes. Mesmo assim, alguns dos 6 artigos etnográficos eram assinados por estrangeiros...

3. LOCAIS ONDE SE VENDE

EM LISBOA:

PUB. EUROPA-AMÉRICA, LDA.

Av. Marquês de Tomar, 1-B — 1050-152 Lisboa

LIVRARIA BARATA

Av. de Roma, 11-A — 1000-261 Lisboa

LIVRARIA BERTRAND

Av. de Roma, 13-B — 1000-261 Lisboa

EDITORIAL NOTÍCIAS, LDA.

Rossio, 23 —Loja 2 — 1100 Lisboa

LIVRARIA GARRETT, LDA.

Rua Anchieta, 9 — 1200 Lisboa

LIVRARIA CASTIL

Ed. Castil — Rua Castilho, 39 — 1200 Lisboa

LIV. SÁ. DA COSTA EDT, LDA.

Rua Garrett, 100/102 — 1200 Lisboa

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73/75 — 1200 Lisboa

LIV. C. C. ARCO-IRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A — 1000 Lisboa

LIVRARIA APOLO, LDA.

Av. Júlio Dinis, 10 C. Com. Apolo 70, Loja 26 — 1000 Lisboa

LIV. ESCOLAR, EDITORA

Ed. Caleidoscópio — Campo Grande — 1600 Lisboa

AILLAUD & LELLOS, LDA.

Rua do Carmo, 76 a 84 — 1200 Lisboa

EDIÇÕES UNIVERSIDADE LUSOFONA

Largo do Sequeira, 7 — 1200 Lisboa

LIVRARIA MULTINOVA

Av. Santa Joana Princesa, 12-E — 1700-062 Lisboa

NO PORTO:

LIV. ALMEDINA/PORTO, LDA.

Rua de Ceuta, 79 — 4000 Porto

LIV. BERTRAND/PORTO

Rua 31 de Janeiro, 45-65 — 4000 Porto

LIVRARIA LEITURA

Rua de Ceuta, 88 — 4000 Porto

EM COIMBRA:

LIVRARIA BERTRAND

Livraria Bertrand — 3000 Coimbra

LIVRARIA FINISTERRA, LDA.

Rua Alexandre Herculano, 3 — 3000 Coimbra

EM FARO:

LIVRARIA BERTRAND

Rua Francisco Gomes, 27 — 8000 Faro